África

COM POUCO SE VAI LONGE

Frederico Dimas de Paiva*

NA ÁFRICA, muito tem sido tentado, e pouco sucesso tem sido alcançado, em termos de aumento de produção e de produtividade agrícolas. Com um enorme potencial já comprovado e uma inerente vocação para o campo, é de se estranhar que um continente estrategicamente localizado e apresentando taxas de crescimento robustas nos últimos anos, além de uma rápida urbanização, ainda não tenha logrado um papel de destaque no cenário agrícola internacional.

É de se refletir o porquê de um continente onde a maioria dos países tem, em média, 24% do seu PIB advindos do campo e 70% de sua mão de obra empregados na agricultura ainda ser um importador líquido de alimentos.

A FGV Projetos realizou estudos de viabilidade em diversos países africanos, como Senegal, Zâmbia, Libéria, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri e Moçambique.

Na ocasião, pôde-se verificar um enorme potencial para a atividade agrícola, com grande disponibilidade de terras, mão de obra, água, bons solos, logística adequada, com acesso a ferrovias, rodovias e portos em diversos países. Há potencial para a produção de arroz, milho, soja, mandioca, amendoim, feijão, cana-de-açúcar, pinhão-manso, girassol, palma, algodão, capim-elefante, mamona e eucalipto em muitos desses países, em vastas áreas.

Nesse contexto, o que é preciso fazer para que a agricultura desses países avance?

Como parâmetro, tomo em consideração a "Carta de Princípios" que foi transmitida aos candidatos à Presidência da República do Brasil nas eleições de 2014 pela Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), com a coordenação do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas.

Segundo o documento, a agricultura tem que ser pensada como uma ação dividida em três etapas: i) disponibilidade de insumos e tecnologia; ii) como deve ser a combinação destes insumos pelo agricultor; e iii) como esses bens são transferidos para os consumidores internos e externos.

O AGRICULTOR AFRICANO PODE SE TORNAR UM GRANDE PARCEIRO DO BRASILEIRO NA TAREFA DE ALIMENTAR O MUNDO.

Obviamente, o caso brasileiro, mais avançado, é distinto do africano, mas as etapas acima descritas ilustram bem o que a agricultura precisa para se desenvolver. O Brasil está planejando-se para aprimorar esses processos e para garantir ganhos de escala e produtividade ainda maiores do que conseguimos nos últimos trinta, quarenta anos. Na África, a equação é mais complexa.

Tomemos como exemplo o caso de Moçambique. Os agricultores locais utilizam variedades de sementes de milho utilizadas pelo Brasil nas décadas de 60 e de 70. Apenas 10% das mesmas são comercializados pelo mercado formal, e o restante é produzido e comercializado pelos próprios agricultores, sendo importante ressaltar que quase a totalidade das sementes comercializadas no mercado formal é subsidiada pelo Estado. Podemos concluir que 90% delas não são testados, com um oitavo da produtividade alcançada no Brasil.

No caso dos fertilizantes e agroquímicos, o cenário é parecido, mas o acesso aos mesmos é ainda mais limitado. Há programas governamentais de subsídio e distribuição de sementes, mas, para os insumos que acabamos de mencionar, há limitado acesso na maioria dos países.

Entretanto, podemos mencionar um caso de sucesso: depois do desastre da colheita de milho em 2005 e do pedido de doações que pudessem alimentar cerca de 5 milhões de pessoas naquele ano, o governo do Malaui passou a subsidiar fertilizantes para seus agricultores, por meio da distribuição de cupons que custeavam dois terços do valor final do insumo. Houve receio de faltar fertilizante, mas o mercado se regulou. Resultado: a produção de milho duplicou em dois anos e triplicou em três.

Os outros pontos levantados pela ABAG podem e devem ser melhor trabalhados também na agricultura africana. Há avanços, mas medidas simples e um bom ambiente para o investidor levar sementes e agroquímicos a preços competitivos para o continente podem fazer uma enorme e rápida diferença. Há, também, necessidade de capacitação e de investimentos em infraestrutura, embora, em muitas regiões da África, seja mais fácil e rápido exportar do que no Brasil.

O pequeno, o médio e o grande agricultor africano podem se beneficiar, produzir mais, com poucos aportes, e o Brasil pode ter um papel preponderante nesse processo, sendo o líder mundial em agricultura tropical. ■

* Especialista em África da FGV Projetos